



HAL
open science

Fazer a história do ensino das línguas e das civilizações estrangeiras no ensino superior francês no século XX

Emmanuelle Picard

► **To cite this version:**

Emmanuelle Picard. Fazer a história do ensino das línguas e das civilizações estrangeiras no ensino superior francês no século XX. *Historia da Educação*, 2007, 23, pp.9-22. halshs-00585909

HAL Id: halshs-00585909

<https://shs.hal.science/halshs-00585909>

Submitted on 14 Apr 2011

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Fazer a história do ensino das línguas e das civilizações estrangeiras no ensino superior francês no século XX¹.

Emmanuelle PICARD²

Tradução Sabina Ferreira Alexandre Luz³

Revisão Maria Helena Camara Bastos⁴

RESUMO

O ensino de língua e literatura estrangeiras no ensino superior francês, na época contemporânea, só foi o objeto de um número restrito de trabalhos. Este artigo se propõe, a partir do caso do germanismo, traçar a história destas disciplinas desde sua aparição dentro da universidade por volta de 1830 até à época posterior à reforma de 1968. Três grandes etapas aparecem, em um processo contínuo de construção disciplinar: um período de indeterminação, dos anos 1830 aos anos 1880, durante o qual se fala de línguas estrangeiras em geral; um período de especialização, na virada do século, com a aparição das cadeiras de estudos alemães, italianos... ; e, enfim, na metade do século XX, um movimento de respeitabilidade que visa elevar estas disciplinas dentro da hierarquia universitária.

Palavras-chave: Ensino superior; Línguas estrangeiras; França; Época contemporânea.

RÉSUMÉ

L'enseignement des langues et littératures étrangères au sein de l'enseignement supérieur français à l'époque contemporaine n'a encore fait l'objet que d'un nombre restreint de travaux. Cet article se propose, à partir du cas de la germanistique, de tracer les cadres de l'histoire de ces disciplines depuis leur apparition au sein de l'université vers 1830 jusqu'aux lendemains de la réforme de 1968. Trois grandes étapes se dégagent dans un processus continu de construction disciplinaire : une période d'indétermination des années 1830 aux années 1880, durant laquelle on parle de langues étrangères en général ; une période de spécialisation au tournant du siècle avec l'apparition des chaires d'études allemandes, italiennes... ; et enfin au milieu du 20^e siècle un mouvement de respectabilisation qui vise à hausser ces disciplines au sein de la hiérarchie universitaire.

Mots-clés : Enseignement supérieur ; Langues étrangères ; France ; Époque contemporaine.

¹ Texto especialmente escrito para publicação na revista. Título original: « Faire l'histoire de l'enseignement des langues et civilisations étrangères dans l'enseignement supérieur français au XX^e siècle ». Recbido em setembro de 2005.

² Professora concursada em História, doutora em História pelo Institut d'études politiques de Paris (Tese: Des usages de l'Allemagne. Politique culturelle française en Allemagne et rapprochement franco-allemand, 1945-1963. Politique publique, trajectoires, discours, sous la direction de Jean-Pierre Azéma, 1999). Pesquisadora no Service d'histoire de l'éducation, INRP-ENS (45 rue d'Ulm, 75005 Paris), responsável pela pesquisa « Histoire de l'enseignement supérieur français au XX^e siècle ». Lista de publicações no site: <http://www.inrp.fr/she/pages/pro/picard.htm> E-mail: Emmanuelle.picard@inrp.fr

³ Aluna do sexto semestre do Curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica CNPq/PUCRS (2006/1).

⁴ Doutora em Educação - História e Filosofia da Educação (USP); professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; pesquisadora do CNPq. E-mail: mhbastos@pucrs.br

Dentre todas as disciplinas ensinadas no seio do ensino superior francês, as línguas e civilizações estrangeiras só foram os objetos de um número restrito de trabalhos. A principal referência ainda é a tese de Michel Espagne, consagrada às cadeiras de literatura estrangeiras nas universidades francesas do século XIX⁵ e os três volumes que dirigiu com Michael Werner e Françoise Lagier⁶. Centrados no século XIX, esses estudos colocam em evidência as condições do surgimento dessas disciplinas, num primeiro momento indiferenciadas (um professor muda ao longo de sua carreira de uma literatura estrangeira a outra, e até mesmo para a literatura francesa), e que se especializam progressivamente com a implantação das carreiras de *maîtrises des conférences*⁷, por volta de 1880, antes de se tornarem cadeiras específicas por volta de 1900. Para o século XX, a produção historiográfica é menos fecunda. Certamente o germanismo foi objeto de alguns trabalhos, mesmo que nenhum deles seja verdadeiramente sintético⁸, assim como algumas línguas raras⁹. Mas nenhuma visão de conjunto foi proposta, no que diz respeito a esse domínio de formação específico. O presente artigo propõe uma reflexão metodológica sobre a história do ensino de línguas e de literatura estrangeiras no ensino superior francês do século XX, tendo por base os resultados da pesquisa realizada pelo autor sobre o germanismo e completada por outros autores que abordam essa questão. Essa última permite propor um modelo cronológico de construção das disciplinas e, ao mesmo tempo, a elaboração de uma perspectiva dos diferentes espaços lingüísticos.

Uma dificuldade preliminar está na questão da definição. Se as disciplinas universitárias nos parecem hoje facilmente identificáveis, a tal ponto que questionamos raramente sua definição exata, não era assim no século XIX, nem na primeira metade do século XX. As categorias atuais são o resultado de um processo classificatório de longa duração. No espaço de 150 anos, partes inteiras do saber foram “confiscadas” por um grupo que, fixando fronteiras aos conhecimentos de sua responsabilidade e determinando os critérios segundo os quais seriam recrutados seus pares e sucessores, construiu progressivamente um conjunto de categorias do saber claramente identificadas, que chamamos disciplina. Este processo se apóia em dois movimentos concomitantes e indissociáveis, apesar de suas cronologias estarem desencontradas: a definição progressiva de um sub-campo do saber e a elaboração das condições de acesso aos cargos (concurso, recrutamento...). O estudo destes procedimentos de qualificação intelectual e social é uma condição essencial à história das disciplinas universitárias. É preciso, no entanto, ter cuidado com uma reificação muito rápida: as disciplinas universitárias foram efetivamente constituídas dentro de um processo interno ao mundo universitário e ao sub-grupo que as compõe; não podemos negar, apesar disso, que elas se inscrevem desde a origem num espaço mais amplo que o campo universitário, quer se trate do campo intelectual no seu conjunto, ou ainda do campo político, e que é preciso se interessar, durante todo o período estudado, às relações que mantêm uma disciplina em via de construção com os espaços exteriores sobre os quais ela interfere.

Na ocasião da minha tese de história, fui levada a me perguntar sobre as transformações que conhecia o germanismo universitário francês na metade do século XX, no

⁵ Michel Espagne, *Le paradigme de l'étranger. Les chaires de littérature étrangère au XIXe siècle*, Paris, Éditions du Cerf, 1993.

⁶ Michel Espagne et Michael Werner (dir.), *Philologiques I, II et III*, Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1990-1992.

⁷ *Maîtrise de conférence*: cargo de mestre de conferência, criado em 1880 (Nota do tradutor).

⁸ Em particular : Michel Espagne e Michael Werner, *Les études germaniques en France, 1900-1970*, Paris, CNRS-Éditions, 1994 ; dossier sobre « Les études germaniques en France », *Lendemains*, n° 103-104, 2001.

⁹ Por exemplo: Gabriel Garçon, « 1926-1986: soixante années d'enseignement du polonais aux facultés catholiques de Lille », *Fédération universitaire et polytechnique de Lille. Ensemble d'écoles supérieures et de facultés catholiques*, 2, 1987.

contexto particular das ocupações sucessivas da França pela Alemanha (1940-1944), depois da Alemanha pela França (1945-1949, depois 1955)¹⁰. A disciplina, instituída, de fato, quando da criação de cadeiras especializadas nos primeiros anos do século, teve um papel fundamental no conhecimento que as elites francesas tinham da Alemanha no entre guerras. Um professor como Edmond Vermeil, titular da cadeira da Sorbonne a partir de 1936, encarnava a figura do especialista cuja uma das principais atribuições era a explicação do inquietante vizinho ao público intelectual. Era em resposta a esse imperativo que publica em 1940 um imponente volume, *L'Allemagne, essai d'explication*¹¹, em que tenta explicar o Terceiro Reich por uma perspectiva cultural erudita de tipo filológico. A grande maioria dos germanistas, que exerciam o cargo nessa época, encarnava amplamente a função de “embaixadores” culturais, descrita por Christophe Charle¹², inscritos nas trocas culturais dos dois países (que continuavam apesar da chegada de Hitler ao poder), mas endossavam igualmente a de vulgarizadores das realidades alemãs contemporâneas, através de uma intensa atividade editorial nas revistas¹³. Ao contrário, os germanistas do pós Segunda Guerra Mundial só se ocupam com estudos eruditos sobre a literatura alemã clássica. Essa tendência é muito interessante já que ela se desenvolve em um contexto que oferece aos germânicos verdadeiras oportunidades de conhecer a Alemanha contemporânea, e, até mesmo, de exercer um papel no plano cultural dessa última. De fato, os quatro anos de ocupação militar do país vencido por seus quatro vencedores, seguido ainda de seis anos de um regime de controle¹⁴, foram a ocasião para que os ocupantes implantassem dispositivos culturais importantes, oferecendo numerosos cargos aos jovens germanistas. Porém, esses últimos só os utilizaram enquanto estratégia de carreira individual e não consagraram nenhum trabalho universitário à Alemanha contemporânea, só ocuparam nas revistas francesas essas posições de especialistas da Alemanha contemporânea destinadas às elites francesas que eram as de seus predecessores. Os germanistas, que ficaram na França, na mesma época seguiram percursos intelectuais idênticos, operando um distanciamento da posição da geração precedente, deixando, dessa forma, o território livre a novos especialistas, não vindos do meio universitário e engajados em disciplinas ou em setores então em construção como a ciência política ou a educação popular¹⁵. Se analisarmos as características escolares dos germanistas franceses, das duas gerações (antes e depois da Segunda Guerra Mundial), observamos uma forma de respeitabilidade da disciplina que se traduz pelo aumento sensível dos normalistas, anteriormente presentes de modo mais anedótico. Essa reorientação para os objetos canônicos (a cultura alemã clássica), marcada pela presença cada vez mais importante de indivíduos com trajetórias escolares bastante clássicas e bastante prestigiosas, é um forte indicador de um trabalho interno de legitimação de uma disciplina cuja principal função era a de responder a uma demanda social e que se torna autônoma desse imperativo chega a uma alta posição na hierarquia das disciplinas¹⁶.

¹⁰ Emmanuelle Picard, *Des usages de l'Allemagne. Politique culturelle française en Allemagne et rapprochements franco-allemand, 1945-1963. Politique publique, trajectoire, discours*, Tese de história do Instituto de estudos políticos de Paris, janeiro 1999.

¹¹ Gallimard.

¹² Christophe Charle, *La République des universitaires, 1870-1940*, Paris, Le Seuil, 1994, p. 345 sq.

¹³ O exemplo mais impressionante, em relação ao número de artigos produzidos, é o caso de Robert d'Harcourt, titular da cadeira de estudos germânicos no Instituto Católico de Paris. Ver as bibliografias publicadas pelos Cahiers Robert d'Harcourt.

¹⁴ Em 1945, a Alemanha é dividida em quatro zonas confiadas aos Ingleses, aos americanos, aos russos e aos franceses, que a administram sob um regime de Governo militar até 1949. Depois dessa data, a RAF reconstituída continua submissa ao controle de três altos comissários: um francês, um inglês e um americano em um certo número de atribuições. Esse dispositivo desaparece apenas em 1955.

¹⁵ As duas personalidades marcantes, nesse caso, são Joseph Rovin e Alfred Grosser. Cf. E. Picard, *Des usages de l'Allemagne*, op. cit.

¹⁶ Cf. Pierre Bourdieu, *Homo Academicus*, Paris, Éditions de Minuit, 1984.

Esse trabalho preliminar sobre o germanismo permite a elaboração de um conjunto de hipóteses e a construção de ferramentas para respondê-las. Projetando a partir dos trabalhos existentes e das pesquisas sobre os germanistas, é possível propor um modelo de desenvolvimento das disciplinas de língua e civilização estrangeiras, desde metade do século XIX, que permite a observação da construção da disciplina, suas transformações sucessivas e, ao mesmo tempo, sua conquista de uma legitimidade acadêmica.

O primeiro período é da indeterminação. O ensino de línguas e civilizações estrangeiras se estabelece no meio da Faculdade de Letras, com a criação da primeira cadeira dessa matéria na Sorbonne, em 1830, depois com a inscrição de uma cadeira no programa de todas as faculdades existentes em 1836¹⁷ e sua criação progressiva nos vinte anos seguintes. Durante esse primeiro período, que se estende até os anos 1870-1880, existe uma grande plasticidade no perfil dos professores e uma grande heterogeneidade nas matérias ensinadas. Esse período, durante o qual a universidade não tem outra função que a de conceder o grau, sem oferecer o ensino necessário para isso, é o momento do desenvolvimento máximo de uma oferta de cursos públicos, visando o público intelectual, durante os quais a capacidade oratória e a erudição desempenham um papel de primeiro plano. Para ensinar as línguas e literaturas estrangeiras, basta fingir que as conhece (o doutorado não é obrigatório, e se o professor possui esse título, ele só se apóia marginalmente na literatura estrangeira), ter viajado e, sobretudo, estar integrado em redes, ou seja, ter contatos. Um mesmo professor, durante toda sua carreira, falará de assuntos e de países muito diversos, e bastante afastados uns dos outros. Em uma universidade que funciona sobre o prisma das humanidades clássicas, as línguas e literaturas estrangeiras só podem estar na posição de dominadas. A falta de regras acadêmicas (forma e conteúdo do ensino, título dos candidatos...) é prova mais evidente; que podemos completar pela observação das estratégias de carreira dos normalistas: em um período durante o qual o acesso à universidade é difícil, por causa do número restrito de cargos, eles recorrem ao ensino de língua e literatura estrangeiras para iniciar uma carreira universitária, mas abandonam esse ensino assim que lhes é oferecida a possibilidade de voltar à literatura francesa.

É com a criação das *maîtrise de conférence* e das bolsas de licenciatura e da *agrégation*¹⁸ que observamos as primeiras etapas de uma especialização e o esboço de disciplinas autônomas. A reforma dos anos 1880-1890 impõe uma visão científica do trabalho universitário, induz a uma modificação do perfil dos professores. Os *maîtres des conférences* são a partir deste momento recrutados segundo uma especialidade em correspondência direta com o objeto de suas teses, especialidade que passam a ensinar permanentemente. O resultado desse movimento de especialização é a criação de cadeiras específicas: “língua e literatura alemã”, “língua e literatura italiana”... que provocam uma modificação das condições de eleição dos sucessores. Não se pode mais utilizar os contatos pessoais sem levar em conta critérios mais acadêmicos. Resta, no entanto, uma grande fluidez nos contornos das disciplinas assim instituídas. O título das cadeiras é muito geral e os interesses científicos de seu detentor muito variados: pode tratar-se tanto de literatura medieval quanto de estudos sobre a política contemporânea. A única constante parece ser o prisma cultural herdado dos primeiros anos de ensino de língua e literatura estrangeiras, que tem como consequência trabalhos orientados para um conhecimento histórico geral e cultural dos vizinhos. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, as disciplinas universitárias parecem, então, constituídas. Tornamos-nos germanistas, no sentido universitário especializado na Alemanha e nos países

¹⁷ M. Espagne, *Le Paradigme...*, op. Cit., p. 42 sq. Trata-se de um momento de reorganização geral das faculdades de letras com a fixação de uma lista de seis cadeiras, dentre as quais a de língua e literatura estrangeiras.

¹⁸ *Agrégation*: concurso para lecionar nos liceus e em alguns cursos superiores (Nota do tradutor).

de língua alemã, seguindo um procedimento bem definido e cujas principais etapas são a *agrégation* de alemão e uma tese sobre a língua ou a literatura alemã. Diferentemente do período anterior, não se pode mais passar de uma língua à outra. A especialização progressiva se traduz definitivamente pela imposição de fronteiras disciplinares tão rígidas quanto as fronteiras políticas, e muitas vezes sobrepostas. Ao mesmo tempo, essas disciplinas deram apenas um pequeno passo na construção de sua legitimidade. Não podendo rivalizar com as humanidades clássicas na formação do homem culto, elas utilizam para sua promoção e sua afirmação um outro instrumento que lhes permite se inscreverem solidamente nos quadros de formação de um público esclarecido. As universidades especialistas dos países estrangeiros preenchem uma função essencial de resposta a uma demanda social e política, sujeitando-se à exigência de explicação a respeito da outra. Essa posição de especialista se constrói sobre uma mistura de registros de escrita com uma importante produção editorial publicada por revistas ou por casas de edição destinadas a um público erudito¹⁹. Essa capacidade de intervenção nos espaços públicos é sem dúvida um dos meios que dispõem esses professores para estabelecer sua legitimidade dentro da instituição, pois mostra sua necessidade em um período onde essas jovens disciplinas são ainda pouco reconhecidas na universidade.

No período seguinte, a mutação disciplinar se faz por uma operação de respeitabilidade. Uma vez a disciplina suficientemente reconhecida, para ter uma relativa perenidade no interior da universidade, falta-lhe dar uma legitimidade intelectual à qual ela não pode pretender enquanto encarna-se em escritos destinados ao público erudito. Entramos, então, em um período de uma tomada de autonomia em relação ao campo político com um modelo a alcançar, que é o das disciplinas academicamente prestigiosas: letras clássicas, filosofia, história..., nas quais as funções sociais de especialista são raras. É o período de concentração sobre os objetos canônicos, a literatura clássica, a filologia, as línguas medievais. Os estudos de alemão ganham assim um lugar elevado na hierarquia universitária, a partir da metade do século XX. Alguns indicadores²⁰ mostram um fenômeno menos marcado para as outras línguas que se situam mais próximas da geografia ou das ciências sociais, ou seja, mais abertas socialmente durante o recrutamento e mais voltadas para o prático e o empírico. Uma das explicações poderia ser a parte respectiva consagrada, em cada uma dessas disciplinas, às práticas mais antigas e mais canônicas (filologia) e as mais modernas e científicas (lingüística). O alemão remete à formação mais clássica, segundo um modelo dominante no mundo acadêmico francês que é o das Humanidades. A tradução e o tema alemães podem ser postos em perspectiva com a tradução e o tema latino, exercícios que conservam, mesmo depois da Segunda guerra mundial, as marcas da distinção escolar. Redirecionar a disciplina do germanismo para objetos literários é, então, desvincular-se de uma formação puramente mercantil (o alemão de conversação e, portanto, de comércio) e permitir a aquisição de uma verdadeira cultura letrada.

A reforma universitária, do fim dos anos 1960, introduz uma ruptura nesse processo com o questionamento do sistema de cadeiras anterior e o desenvolvimento de ramos profissionais, dentro dos quais as línguas estrangeiras ganharam um lugar importante através, principalmente, das LEA (“Línguas Estrangeiras Aplicadas”). A criação de novas universidades na região parisiense será a ocasião do renascimento material de um ensino de civilização, em Vincennes e depois no Instituto Alemão de Asnières, dependente de Paris III. A partir desse momento, a divisão entre os adeptos de uma disciplina literária e os partidários de uma abertura civilizatória se inscreve em uma partição entre os diferentes ramos, mas também entre as universidades, algumas delas se engajando na defesa do germanismo criado após a Segunda Guerra Mundial.

¹⁹ Cf. P. Olivera, *La politique lettrée*.

²⁰ Cf. P. Bourdieu, *Homo Academicus*, op. Cit., pp. 159-160.

Esse esquema cronológico, relativamente bem conhecido hoje em dia para o germanismo, pode ser proposto pelo estudo das disciplinas adjacentes, a fim de esclarecer o que vem de um processo geral de construção disciplinar e que distingue cada uma das áreas culturais. Para fazer isso, um certo número de pistas deve ser explorado, começando por uma reflexão sobre a construção das hierarquias universitárias e o lugar que aí ocupam essas disciplinas de língua e civilização estrangeiras. O estudo das condições de construção de uma disciplina universitária poderia, assim, ser considerado como a reconstituição de sua evolução dentro do espaço da legitimidade acadêmica. Uma das formas de medir tal fenômeno é a de se interessar pelas características sociais de seus professores, comparando-as às características sociais dos outros professores. Pierre Bourdieu faz esse tipo de pesquisa sobre a universidade dos anos sessenta em *Homo Academicus*, a presença dos normalistas e dos *agrégés* sendo utilizada como indicador principal dentro das faculdades de letras. A modificação dos perfis dos professores recrutados, que podem ser facilmente reconstituídos graças aos instrumentos biográficos clássicos (dicionários, notícias necrológicas, títulos e trabalhos...), serve, então, para medir as transformações internas à disciplina.

Uma segunda pesquisa paralela pode ser feita em torno da questão da produção intelectual própria à disciplina, de seus modos de controle, de seus critérios de avaliação. Ela pode ser percebida tanto pelas publicações dos professores, como também pela lista de temas de teses e de programas dos concursos, em particular o da *agrégation*. Torna-se possível, então, medir quais são as normas intelectuais próprias à disciplina que deve respeitar aquele que quer fazer carreira nessa profissão. O centro da legitimidade definido pelo conjunto de temas tratados, no quadro do tríptico “curso-doutorado-revistas especializadas”, permite medir os afastamentos possíveis e impossíveis e o benefício ou o preço a pagar, que são a consequência disto, a partir do momento em que colocamos a carreira e as publicações de um professor em perspectiva. Surgem, então, os perfis de excelência, as estratégias de desvio ou de compensação e as trajetórias marginais.

Resta assinalar que este estudo disciplinar não seria totalmente satisfatório se ele se limitasse aos quadros universitários, humanos e intelectuais, desta categorização dos saberes. Como destacamos na introdução, o processo de construção disciplinar deve sempre ser pensado em suas interações com os outros campos, sejam eles intelectuais ou políticos. De fato, no caso do germanismo, não podemos compreender as condições de possibilidade da respeitabilidade, da metade do século passado, se não analisarmos, ao mesmo tempo, o desdobramento exterior da função de perícia política até então reservada aos germanistas. Em uma perspectiva de longa duração, é que o ensino de língua e civilização estrangeiras está longe de se limitar às disciplinas universitárias que o organizam, em particular por causa da tradição, que fazia dos professores de língua e literatura estrangeiras do século XIX “mediadores culturais”, destinados ao público letrado. Na época, a distinção entre os viajantes, que faziam discursos sobre os estrangeiros no âmbito “privado” das revistas ou dos salões, e aqueles cuja palavra se inscrevia num âmbito público (cursos universitários), era, no mínimo, tênue. Esta proximidade persiste durante todo o período de criação das disciplinas (III República Francesa), no qual os estudantes e o público culto receberam “ensinamentos” comparáveis. A distinção que implica a concentração da disciplina sobre os objetos eruditos (literatura clássica, língua, filosofia...) cria, então, um espaço vazio no qual vão se inscrever outros perfis e outras disciplinas. Assim, a Alemanha contemporânea se torna um objeto importante para a ciência política em plena renascença nos anos cinquenta. Esta constatação deve conduzir os pesquisadores a não limitar sua pesquisa à disciplina universitária constituída, numa lógica puramente teleológica, mas, de preferência, considerá-la como um elemento central dentro de um dispositivo geral de informação das elites francesas sobre os países estrangeiros.